**Diário de bordo - Crislaine**

**AULA 1 - 03/10**

Na primeira aula, do dia 03/10, fomos convidados a nos apresentar, e desenhar nossa “universidade dos sonhos” e a “universidade atual”, além de escrever nossa biografia. Confesso que para mim foi um pouco assustador, pois não costumo desenhar, e em um primeiro momento pensei que não saberia como retratar o que imagino em um desenho. Mas achei uma forma de expressar as emoções que a universidade me traz com dois desenhos abstratos, que represento abaixo.

O primeiro é da “Universidade atual”, que percebo muitas vezes como fria e sombria, e da qual nunca consegui me sentir totalmente como parte. Vim de escolas públicas para a universidade, e confesso que perceber algumas coisas me doeram profundamente:

1-) A maior parte da população, pessoas que trabalham duro para sobreviver, não tem lugar na universidade pública, principalmente na ESALQ, muito tradicional e extremamente elitista. Essa parte da população está na linha da invisibilidade (ou abaixo dela). Mesmo dentro da universidade os funcionários não recebem o respeito que merecem, morei na Casa do Estudante por quatro anos, e vi muitos funcionários perdendo seus empregos com a terceirização. Além disso, para muitos que conheci, a universidade não é um destino possível para seus filhos. Já dentro da ESALQ, participei do programa “Ponte” de extensão universitária, onde participava de ações de educação ambiental em escolas públicas, de muitas feiras de extensão para receber estudantes de escolas públicas de áreas pobres da cidade e de muitas atividades da licenciatura em escolas públicas que só reforçaram minha visão: A universidade está longe de ser para todos, e muitos não se permitem sequer sonhar com ela.

2-) Para os alunos que entram na universidade, a liberdade também não é assim tão real. O que fizermos determinará nosso futuro, por isso vi muitos amigos optando por áreas e estágios com mais dinheiro, mas que não representavam seus sonhos reais. E eu percebi, mais uma vez, que o preço cobrado por correr atrás dos sonhos as vezes é alto demais: as áreas relacionadas ao meio ambiente recebem menos investimento, tem menos bolsas, e, assim, podem ser difíceis de seguir. Mas não é só isso: na ESALQ percebi uma distância entre as instâncias do poder e os alunos: mesmo para trocar duas palavras com um professor as vezes eram necessários uns cinco e-mails. O aluno está na universidade para absorver conhecimentos, e não para se formar um ser crítico.

3-) Mas para os professores a vida também não é tão fácil. Eles são cobrados para darem quantas aulas forem necessárias, para orientar quantos alunos puderem e para publicar o máximo possível. Se não fizerem isso são criticados pelos alunos, pelos colegas e pelos seus superiores. Alguns têm rotinas extremamente cansativas, e não sei se realmente descansam em seus períodos de férias.

4-) Sobre a diretoria, as instâncias mais superiores de poder, sei pouco coisa: só sei das demandas que tinha enquanto aluna (comuns a outros alunos) e que nunca foram concretizadas: mais dinheiro para a extensão, a reforma da casa do estudante que demorou anos, enfim, apenas coisas que parecem não serem tão importantes assim, pois tratam das camadas menos privilegiadas da universidade, e porque não, da população.

Não estou dizendo que tudo na universidade é ruim, que não existem iniciativas propondo mudanças e que todas as pessoas não amam o que fazem. Mas assumi o compromisso de ser honesta comigo mesma, e quando me perguntam como eu vejo a universidade atual, não consigo descrevê-la de outra forma, pois para mim estamos longe da “Universidade dos sonhos” – o que não impede que outras pessoas pensem de outra forma, o pensamento é livre, e a expressão também deveria ser.

UNIVERSIDADE ATUAL



2

1

3

4

Para mim, a “universidade dos sonhos” é uma utopia porque ela só pode existir na sociedade dos sonhos. Uma sociedade sem preconceitos, sem amarras, onde o poder econômico não se sobrepõe às pessoas, onde ser é mais importante que ter, onde todos somos iguais e não existe ganância ou a ignorância e a alienação que as camadas mais altas e ricas da sociedade e dos governos querem alimentar no resto da população. Onde não exista medo, onde possamos pertencer a qualquer religião (ou a nenhuma) sem termos de pagar um preço por isso; onde possamos casar com quem quisermos (ou com ninguém) sem sermos julgados ou morrermos por isso; onde possamos tratar a natureza e os animais como irmãos sem morrer ou ser taxados de loucos por isso. Onde, de fato, a igualdade exista, onde refletir não seja “pecado”; onde viver não seja perigoso para grande parte das pessoas; onde o alimento não falte; onde a saúde chegue em todos os lugares, a liberdade esteja em todas as decisões e onde sonhar não seja uma utopia.

Mas enquanto a sociedade dos sonhos está muito distante para esperá-la, imagino a universidade dos sonhos como um local onde todos podem participar como peças fundamentais, onde o conhecimento seja de acesso livre. Nessa universidade, as decisões da diretoria são de conhecimento de toda a comunidade acadêmica; os professores têm liberdade para se dedicar a projetos de longo prazo e a desenvolver projetos de extensão; os alunos têm autonomia para escolher seu futuro profissional, e as áreas de pesquisa com foco em resultados para a população são priorizadas; e toda a comunidade (incluindo os trabalhadores), têm acesso ao conhecimento, às bibliotecas e a salários justos. Só consigo imaginar uma universidade dos sonhos como um local de reflexão em todos os setores, onde todos podem se comunicar, todos podem opinar sobre as decisões que atingem a universidade e onde todos comem no mesmo local – não existe o “restaurante dos alunos”, terceirizado, e com qualidade aquém do “restaurante dos professores”, e provavelmente aquém do alimento servido aos trabalhadores de atividades “não acadêmicas”.

UNIVERSIDADE DOS SONHOS - sem divisões



sociedade

universidade

-------------------------------------------------------------------------------------------------

**Educação e ensino superior: a minha biografia**

Prestei outros cursos antes de decidir pela biologia: farmácia, engenharia química e jornalismo. Desisti do jornalismo pela biologia. Quando iniciei meus estudos na universidade me senti muito perdida, principalmente quanto ao que eu esperava do futuro. O que eu faria? Quem seria? Fiz muitos estágios diferentes: no CENA, no primeiro ano, com trabalhos de datação de carbono; no herbário arrumando exsicatas; em diferentes grupos de discussão; no projeto ponte de extensão universitária; em projetos no laboratório de restauração florestal (Lerf) e em um grupo de estudo de restauração e ecologia no laboratório de silvicultura tropical (Lastrop), e no canil (que guardo com muito carinho no coração). Mas nada impediu que eu me sentisse muito perdida, em mais momentos que eu gostaria. Percebi, então, que se perder não é necessariamente ruim: estarmos “perdidos” nos leva à reflexão constante. Se perder é mais do que importante, é necessário. Se não nos perdemos ficamos presos a velhas convicções, e não percebemos o quanto refletir é importante, em um mundo que às vezes sufoca nossos pensamentos.

No mestrado fui para a UFSCar, pesquisar como selecionar árvores que melhor proporcionassem sombra e frutos para a fauna em áreas em processo de restauração, e agora no doutorado trabalharei com ecologia novamente. Gosto de trabalhar com a ciência, mas gostaria que ela estivesse mais próxima das pessoas, e que o trabalho do cientista fosse mais valorizado pelo país e mais compreendido pela população. Acredito que se a ciência fosse melhor divulgada, haveriam mais cientistas, as crianças se vestiriam de cientistas, e não apenas de fadas e heróis. Portanto, na minha biografia incluo minha vontade de trabalhar para que o meio ambiente seja mais valorizado, as árvores, os rios e os animais sejam reconhecidos como verdadeiramente importantes, e as pessoas façam parte dessa mudança. Pensando nisso, vejo que é o mesmo sonho que eu tinha quando criança, mas só agora tenho noção que os sonhos das crianças são, na verdade, muito mais complexos do que parecem.

----------------------------------------------------------------------------------------------------------

No restante da aula do dia 03, fizemos a leitura conjunta da introdução do livro “O ensino universitário: seus cenários e seus protagonistas” (Zabalza) e do texto “Por uma docência renovada”, de Jacques Marcovitch, ex-reitor da Universidade de São Paulo. Jacques Marcovitch fala da importância para o aluno de ter um professor de referência, que o acompanhe ao longo da sua graduação, e sobre a necessidade de o professor ser um desafiador, desafiando os alunos a conquistar algo de superior. O texto segue dizendo que a universidade deve formar lideranças, pessoas dispostas a assumir riscos, e que o professor não deve se impor com superioridade, mas como um facilitador, que transforma a sala num ambiente de aprendizagem coletiva.

Zabalza fala, em seu texto, sobre a busca de um modelo de universidade para a análise. Ele mostra um quadro (abaixo), no qual representa a universidade como um espaço de tomada de decisões formativas, no qual são identificados quatro grandes eixos estruturantes da ação formativa, e um espaço interno (a vida universitária), e em externo (as dinâmicas externas à universidade, mas que afetam seu funcionamento). Assim, ele apresenta suas ideias iniciais que serão melhor detalhadas em seu livro.

